Reflexões sobre o conceito de arquivo no contexto musicológico de Blumenau (SC): o acervo do maestro Heinz Geyer em questão

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: MUSICOLOGIA E ESTÉTICA MUSICAL

Roberto Fabiano Rossbach
FURB – rofaros@yahoo.com.br

Resumo: Este texto reflete acerca do conceito de arquivo, objeto de estudo da Historiografia, trazendo as discussões para o campo da Musicologia. Os pontos levantados fundamentam-se na visão de Michel Foucault (1986), Sue McKemmish (1996), Luciana Heymann (2012) e Philippe Artières (2014), sobre o conceito de arquivo e arquivo pessoal. As reflexões partem da análise do arquivo do maestro Heinz Geyer atuante em Santa Catarina e podem auxiliar na reelaboração do conceito de arquivo musical, configurando-o também como objeto de estudo.

Palavras-chave: Arquivo. Arquivo pessoal. Arquivologia musical.

Reflections About the Concept of Archive in Musicological Context

Abstract: This text reflects about the concept of archive, the object study of Historiography, bringing the discussions to the field of Musicology. The points raised are based on the vision by Michel Foucault (1986), Sue McKemmish (1996), Luciana Heymann (2012) and Philippe Artières (2014) concerned the concept of archive and personal archive. The reflections are based on the analysis of the archive of the conductor Heinz Geyer, from Santa Catarina and can help to the re-elaboration of the concept of musical archive, also configuring it as an object of study.

Keywords: Archive. Personal Archive. Musical Archivology.

1. Introdução

Ainda são incipientes os trabalhos que repensam o conceito de arquivo e o tratem como objeto e não apenas como fonte de pesquisa. Considerando sua trajetória social o arquivo passa a ser entendido como artefato cultural. Antes dos arquivos serem disponibilizados, eles possuem finalidades primeiras diferentes. Eles podem retratar um tempo retrospectivo e, em muitos casos, diferentemente da coleção que é intencional, são acumulados de forma natural, pois alguém trabalhou para que se preservasse por alguma razão. As discussões também são pertinentes para o campo da Arquivologia Musical e este texto traz uma reflexão do conceito de arquivo a partir de um olhar sobre o material do maestro Heniz Geyer, atuante em Santa Catarina.

O maestro alemão Heinz Geyer (1897-1982) chegou em Blumenau em 1921 e atuou na cidade durante mais de cinco décadas como maestro e compositor. Formou em 1947 uma orquestra e um coro sinfônico, que tiveram intensa atuação na vida musical de Blumenau nos concertos realizados na Sociedade Dramático Musical Carlos Gomes, reestruturada em

1939 a partir da Sociedade Musical e Teatral Frohsinn, de 1896. Geyer passou a atuar com os conjuntos em uma sede própria, produzindo seu repertório adaptado ao material humano existente, em sua maioria, instrumentistas e cantores amadores. Continuou ativamente na direção musical do coro e orquestra da sociedade, abrilhantando os principais eventos que marcaram a vida musical de Blumenau, incluindo as récitas de suas três óperas: *Anita Garibaldi* (composta em 1939 e estreada em 1950), *O Imigrante* (1956) e *Viva o Ministro* (1965). Seu último concerto foi realizado em 8 de maio de 1971, sendo então desligado da direção do conjunto. Heinz Geyer faleceu em 13 de junho de 1982, em Blumenau.

A Sociedade Carlos Gomes é detentora do arquivo musical utilizado pelo maestro durante o período em que exerceu suas atividades. Em seu Centro de Memória, dentre vários documentos administrativos e relacionados à atividade artística e social da instituição, encontram-se obras e arranjos de sua autoria, como também um vasto repertório orquestral de diversos outros compositores. O material foi catalogado pela instituição e encontra-se em razoável estado de acondicionamento.

2. A Arquivologia e o arquivo de Heinz Geyer

A Arquivologia Brasileira apresenta alguns princípios que podem ser trazidos para Arquivologia Musical. O *princípio do respeito à ordem original*, no *Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística* (2005, p. 137), é o "princípio segundo o qual o arquivo deveria conservar o arranjo dado pela entidade coletiva, pessoa ou família que o produziu". Ou seja, os arquivos de uma mesma proveniência devem conservar a organização que foi estabelecida por quem o produziu, para que se preservem as relações entre a documentação, que permita refletir sobre a organização do detentor. Entretanto, este princípio do final do século XIX e início do século XX se adequa mais aos arquivos organizacionais do que aos arquivos pessoais. Outro princípio básico da Arquivologia, encontrado no *Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística* (2005, p. 136), é o *princípio da proveniência*, no qual "o arquivo produzido por uma entidade coletiva, pessoa ou família não deve ser misturado aos de outras entidades produtoras. Também chamado de princípio do respeito aos fundos".

Jennifer Meehan, que escreveu sobre a teoria e prática da organização e descrição de arquivos, traz uma abordagem diferente sobre a questão da ordem original ao tratar sobre arquivos pessoais, em seu artigo "*Rethinking Original Order and Personal Records*", de 2010. Nesta modalidade de arquivo, de início, podemos nos deparar com diversos cenários em que os documentos podem ser uma massa de objetos soltos até estarem em uma aparente ordem, não necessariamente estabelecida pelo detentor do arquivo, mas por alguém que

obteve a custódia do material posteriormente. Assim, segundo Meehan (2010), o conceito de ordem original tem limitações e resulta em diferentes procedimentos no tratamento do arquivo.

O musicólogo André Guerra Cotta (2000), com base na Arquivologia, abordou outros conceitos que podem ser utilizados no contexto da pesquisa musicológica e que serão em seguida trazidos para a realidade do Arquivo Geyer. Dentre eles está o conceito de *ciclo vital dos documentos.* Conforme esse conceito, os documentos possuem as fases *corrente*, *intermediária* e *permanente* e sofrem um processo de *acumulação* que ocorre "no exercício de uma atividade, em decorrência dela e em função dela" (COTTA, 2000, p. 365).

O *ciclo vital dos documentos* pode ser verificado no arquivo musical de Heinz Geyer. Na primeira fase, os documentos do maestro tiveram uso funcional, e as obras foram executadas no decorrer de sua atuação. A fase *corrente* dos documentos do acervo compreende o período das realizações de Geyer, entre as décadas de 1930 e 1970, aproximadamente. Durante a atuação de Geyer com a orquestra e coro da sociedade, seus documentos sofreram o referido processo de *acumulação*. Desde sua saída da direção do coro e orquestra da Sociedade Carlos Gomes, na década de 1970, seu material musical praticamente não fora mais utilizado. Após ser cumprida a função primeira do material – a execução do repertório – foi arquivado e conservado em um setor específico da biblioteca da Escola de Música da referida entidade, sem receber catalogação sistemática. O arquivamento e a preservação determinaram a fase intermediária do ciclo vital dos documentos.

Os acervos musicais possuem naturezas jurídicas diferentes, pois ao lado dos públicos e privados, ele sugere uma terceira categoria denominada "acervos sociais". Nesta categoria estão "aqueles que, embora produzidos por instituições de caráter privado, são de interesse social, tais como os arquivos de entidades religiosas, associativas, partidárias, beneficentes, etc." (COTTA, 2012: 32). É o caso da Sociedade Dramático Musical Carlos Gomes, que é uma sociedade de caráter privado mas que detém um material de interesse não somente acadêmico e musicológico, mas também de toda a sociedade local, visto a importância que Geyer teve na vida cultural na cidade por um longo período de tempo. A partir de sua atuação, organizaram-se outros conjuntos instrumentais e vocais na instituição, bem como a organização de uma escola de música, introduzindo alunos que hoje estão inseridos no contexto artístico brasileira e internacional.

Em 2011 foi realizado pela Sociedade Dramático Musical Carlos Gomes um projeto de catalogação do acervo do maestro Geyer, dada sua importância no cenário cultural de Blumenau e região. Este projeto trouxe o arquivo para a terceira fase do ciclo vital dos

documentos, a fase *permanente*. Os documentos do coro e da orquestra não são mais utilizados e se acumularam devido à renovação do repertório musical dos novos conjuntos que se estabeleceram na instituição, a partir da década de 1970. Encontravam-se arquivados em pastas, não obedeciam a qualquer ordem lógica de numeração, nem apresentavam outra forma de catalogação sistemática. Mesmo assim, o material manteve-se preservado em bom estado de conservação, visto que a maioria dos documentos se encontrava nos invólucros originais. O trabalho obedeceu ao *princípio arquivístico de respeito aos fundos*. Na biblioteca de música, tais documentos, de fato, não se encontravam misturados ao material de circulação.

3. Repensando o conceito de arquivo

Em *Arqueologia do Saber*, Foucault aborda que a positividade de um discurso confere à narrativa uma unidade através do tempo: "a positividade desempenha o papel do que se poderia chamar um *a priori* histórico" (FOUCAULT, 1986, p. 144). Neste *a priori*, parte-se de uma verdade, de um fato histórico, das coisas ditas efetivamente. É o historiador quem ingressa na história, em uma memória já constituída, formulando sua narrativa. No entanto, a história contém tudo, mas nada explica e o trabalho do historiador é realizar escolhas do que é importante para o presente. Assim, a narrativa histórica pode ser enunciada de diferentes maneiras. Nas práticas discursivas se estabelecem sistemas que implantam os enunciados como acontecimentos e coisas, cujas ordenações Michel Foucault propõe chamar de *arquivo*. O arquivo, para este autor, são mais do que documentos do passado preservados, mas os discursos "que tenham aparecido graças a todo um jogo de relações que caracterizam particularmente o nível discursivo" (FOUCAULT, 1986, p. 146). Assim:

> O arquivo é, de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares. Mas o arquivo é, também, o que faz com que todas as coisas ditas não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa, [...], mas que se agrupem em figuras distintas, se componham umas com as outras, segundo relações múltiplas, se mantenham ou se esfumem segundo regularidades específicas. (FOUCAULT, 1986, p. 147)

Com base neste *a priori* histórico, a atuação do maestro Geyer se revela à sociedade como uma verdade constituída na memória daqueles que atuaram ao seu lado. Estas pessoas, em seus discursos, mostram um sujeito sacralizado pela importância que teve na cultura e no desenvolvimento musical da cidade de Blumenau. Isso ocorre não somente em relação ao indivíduo, mas também quando o foco é o arquivo. Luciana Heymann (2012) sugere o estudo sobre o processo de constituição dos arquivos, desde sua acumulação pelo

titular até o acesso ao material em uma instituição, observando as interferências a que são submetidos. No âmbito público os arquivos pessoais são "monumentalizados" pela sociedade em geral ou por aqueles que possuem alguma ligação direta com o titular do arquivo ou ainda com seu ofício, especialmente quando ocorre o interesse pela figura pública de notável relevância que possa representar.

Mas como Foucault (1986) afirma – que o historiador deve realizar escolhas para desvelar o que é importante para os dias atuais – as narrativas históricas podem revelar um sujeito diferente no universo musical da cidade. Caso opte-se, a título de exemplo, por um olhar técnico e analítico musical das obras, Heinz Geyer pode revelar-se um compositor mediano, em vista da falta de sua formação em composição e regência, áreas da música nas quais mais atuou, diferente de sua formação como instrumentista que trouxe da Alemanha.

Heymann (2012) volta-se para as relações entre o arquivo e a autoridade do discurso acadêmico que, ao legitimar a fonte referenciada, assim o autoriza. Cita a historiadora francesa Arlette Farge, do livro *Le goût de l'archive*, de 1989: "O arquivo não diz, possivelmente, a verdade, mas ele diz *sobre* a verdade" (FARGE, 1989, p. 40 *apud* HEYMANN, 2012, p. 29). A questão então é a verdade que se busca, ou a verdade que se escolhe ao abordar um sujeito social atuante em um contexto isolado do interior do país; ou então um compositor com formação empírica em meio a uma tradição composicional estabelecida no Romantismo e ao universo composicional rebuscado do início do século XX.

O interesse pela pesquisa sobre Geyer como figura ímpar neste contexto específico, reflete uma sacralização do indivíduo por parte da sociedade blumenauense, em especial, pelos cantores e instrumentistas que atuaram na orquestra ou coro. Neste sentido o historiador francês Philippe Artiéres (2014) sugere, em seu artigo, como o arquivo pessoal pode ser tratado pelo investigador como tesouro a ser descoberto após a morte de seu detentor, como um outro corpo sob o leito do defunto, algo que pode até estar escondido. Esse tesouro descoberto faz parte de uma vida e reflete o desvelamento daquilo que foi conservado pelo detentor do arquivo e daquilo que foi subtraído por ele. O arquivo pessoal passa a ser um "monumento erigido a si mesmo, para si mesmo" (ARTIÈRES, 2014, p. 45). Apesar dessa tendência à sacralização da figura do maestro – como um herói que exerceu sua atividade em meio a dificuldades – busca-se exercer um trabalho musicológico de forma mais crítica e menos positivista. Traz-se à tona a vida e a obra do maestro para não somente escrever a história da música local, mas proporcionar às novas gerações de músicos o conhecimento sobre o contexto musical em que atuam, bem como a música que se praticou e que se possa vir a praticar novamente.

Conforme Artières (2014), o autoarquivamento é muito mais valorizado do que os próprios acontecimentos que são narrados ou escritos nos documentos. O arquivo produzido passa a se transformar em obra de arte. E o pesquisador que encontra ou descobre esse "jardim secreto" pode se interessar não somente pela natureza dos arquivos pessoais e tudo que lhes deu origem, mas como esse arquivo se constituiu, ou ainda no entendimento do simples gesto do "por quê" e do "como" este material foi conservado. Talvez não seja o caso do Arquivo Geyer, pois este material foi muitas vezes acondicionado em diversos locais dentro da instituição que o detém. A forma como o arquivo se apresenta dificultaria em muito qualquer análise do ponto de vista das razões pelas quais este arquivo foi conservado pelo maestro, visto que sua organização a nada mais servia além de ser uma biblioteca que constantemente se acessavam as partituras para a realização da *performance*.

É tarefa complexa realizar um trabalho de descrição do arquivo de uma sociedade, de uma época ou o nosso próprio arquivo em sua totalidade. É possível descrevê-lo por fragmentos, regiões e níveis, selecionando e fazendo escolhas, seja na descrição ou no estudo desse arquivo. A dificuldade será saber se a escolha é a certa, se o volume de elementos do arquivo é o suficiente para a elaboração dos enunciados. O arquivo revela, mesmo parcialmente, "o horizonte geral a que pertencem a descrição das formações discursivas, a análise das positividades, a demarcação do campo enunciativo" (FOUCAULT, 1986, p. 149).

Em trabalhos sobre acervos é mais comum a análise de uma ou mais obras, mediante escolhas sob critérios específicos de representatividade ou importância. Ou ainda, é possível enunciar um discurso histórico que possa enfatizar algum aspecto da atuação do titular de um arquivo para a cultura musical de forma geral ou para aqueles que conviveram com ele com maior proximidade, trazendo aspectos afetivos e do universo do desenvolvimento humano naquele contexto. Geyer detinha um carisma muito grande com músicos e público. Ao mesmo tempo sua obra pode ser considerada falha, quando se utilizam recursos da análise musical da orquestração, da forma ou da prosódia nas canções.

Heymann (2012, p. 13) entende os arquivos como "artefatos dotados de historicidade" e se debruça em dar visibilidade às discussões relativas à eles, analisando-os sob perspectiva sociológica e histórica, ou seja, "explorar o processo social de transformação de registros em fontes de pesquisa." (p.14). No caso dos arquivos pessoais, a documentação preservada possibilita acessar a trajetória pessoal do detentor do arquivo ou de sua instituição na qual atuou. A ampliação do conceito de arquivo busca valorizar documentos produzidos por indivíduos de relevância histórica, preservando sua memória e contribuindo "a um só tempo para sua naturalização e para sua sacralização. (HEYMANN, 2012, p. 19).

Uma dúvida conceitual vem à tona sobre o Arquivo Geyer, se este é um arquivo pessoal ou institucional. O arquivo em questão era de uso constante e pessoal do maestro Heinz Geyer, mas em vista de um trabalho com um grupo de uma instituição cultural e em parte, disperso em outros repositórias em que Geyer atuou. O material arquivado na Sociedade Carlos Gomes se enquadra na referida categoria de "acervo social" (COTTA, 2012), por representar um interesse social em vista da figura pública que o maestro representava para a comunidade. A professora australiana Sue McKemmish (1996) trata o arquivo pessoal com a capacidade de descrever a vida de um indivíduo, que depende como cada um, sistematicamente, guardou e descartou seus documentos. Essa descrição leva em consideração as funções sociais de cada indivíduo, com seus determinados comportamentos e responsabilidades, influenciando na ação de guardar permanentemente ou descartar seus documentos. O tratamento que McKemmish (1996) dá ao arquivo, suscita a visão que o trabalho de descrever a forma de organização de Geyer em seu arquivo de partituras pode revelar não somente o músico que ele foi, mas o homem que estava por detrás do maestro.

Nos arquivos, em geral, ocorrem mais descartes do que nas coleções, pois nos primeiros o acúmulo de documentos pode suscitar mais reformulações quando estão sob guarda de uma determinada instituição que poderá realizar triagens dos materiais. Quanto ao descarte, como abordou McKemmish, não é possível saber como tal fato ocorreu durante o manuseio do arquivo Geyer até chegar a constituição e salvaguarda atual. Nem se sabe como o próprio maestro lidava com esta questão. O que se sabe, por relato das pessoas que conviveram com Geyer e sua família, que sua esposa teria destruído parte do material que estava em sua casa, não sendo possível conhecer os motivos de tal atitude.

Em um arquivo musical é pouco comum que ocorra descarte de documentação, devido à constante necessidade de utilização das partes instrumentais e vocais pelos músicos nas apresentações e reapresentações das obras. Caso houvesse, devido a qualquer problema com a integridade ou legibilidade das partituras, devido às questões práticas seriam imediatamente restauradas ou reescritas. No Arquivo Geyer são encontradas diversas versões, rearmonizações, adaptações e readaptações das próprias obras ou arranjos, considerando formações instrumentais e vocais variáveis, como de fato ocorria.

A Historiografia, ao repensar o conceito de arquivo, suscita reflexões acerca do conceito de arquivo musical para além do documento físico. Acrescenta-se às reflexões a ideia de ampliação do conceito de arquivo musical como documentos de áudio, vídeo, fitas de rolo, dvds, discos de vinil, documentários, como é o caso do material relacionado ao maestro Geyer. Apesar de ainda não ter sido organizado em um repositório específico, estes materiais

podem contribuir para a elaboração de um conceito mais amplo de arquivo musical. O arquivo também passa a se configurar como objeto de estudo e não somente fonte de pesquisa. No caso dos arquivos pessoais é de fundamental importância que se estude inicialmente o sujeito, detentor do arquivo, para então fazer um diagnóstico do material, extraindo também a sua história.

Referências:

ARQUIVO NACIONAL (BRASIL). *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

ARTIÈRES, Philippe. "Arquivar-se: a propósito de certas práticas de autoarquivamento" In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joelle e HEYMANN, Luciana. *Arquivos Pessoais*: reflexões disciplinares e experiências de pesquisa. Rio de Janeiro: FAPERJ/Ed FGV, 2014, pp. 45-54.

COTTA, André Guerra. Acervos musicais brasileiros no século XXI e práticas musicais na América Portuguesa: uma visão panorâmica e dois casos pontuais. In: LUCAS, Maria Elizabeth; NERY, Ruy Vieira (orgs.). *As Músicas Luso-brasileiras no final do Antigo Regime:* repertórios, práticas e representações. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Gulbenkian, 2012. p. 29-58.

COTTA, André Guerra. O tratamento da informação em acervos de manuscritos musicais. In: SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE MUSICOLOGIA, 3.; 1999, Curitiba. *Anais*... Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 2000. p. 357-374.

FOUCAULT, Michel. O a priori histórico e o arquivo. In: FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1986.

HEYMANN, Luciana Quillet. *O Lugar do Arquivo*: a construção do legado de Darcy Ribeiro. Rio de Janeiro: Contracapa, 2012.

MCKEMMISH, Sue. "Evidence of me". *Archives and Manuscripts*, Camberra, v. 24, n.1, p.28-45. 1996.

MEEHAN, Jennifer. Rethinking original order and Personal Records. *Archivaria 70*, pp. 27-44, 2010."